

O MUNDO DO TRABALHO E DA EDUCAÇÃO: INDAGAÇÕES COTIDIANAS

THE WORLD OF WORK AND EDUCATION: DAILY INQUIRIES

Aldair Oliveira de Andrade¹, Wagner dos Reis Marques Araújo² e Antonio Marcos de Oliveira Siqueira³

¹ Programa de Pós-Graduação em Ciências e Humanidades (PPGCH), Universidade Federal do Amazonas, Humaitá/AM, Brasil, aldairandrade@yahoo.com.br

² Universidade do Estado de Minas Gerais, UEMG-Carangola/MG, Brasil, marquesreis@hotmail.com

³ Universidade Federal de Viçosa, Viçosa/MG, Brasil, antonio.siqueira@ufv.br

ARTICLE INFO

Article history:

Received 2019-02-06

Accepted 2019-02-06

Available online 2019-02-07

Palavras-chave: Educação. Gênero. Trabalho. Apresentação.

Keywords: Education. Gender. Work. Presentation.

Neste primeiro número do volume 2 (2019) da **Revista Relações Sociais** iniciamos mais uma etapa do que denominamos como um processo fundamental para a construção de uma sociedade esclarecida e emancipada. Somente a socialização e o acesso aos conhecimentos produzidos pelas diversas instituições de ensino e sua aplicação na transformação da realidade pode tornar o mundo melhor.

É sempre um desafio para a equipe editorial encontrar um fio condutor entre os diversos resultados de reflexões submetidos a este período, sendo de sua natureza acreditar que conhecimento produzido cientificamente deve ser obrigatoriamente compartilhado indistintamente.

Neste volume trazemos temas interessantes, o que nos remete a refletir com pensadores como, Hannah Arendt, Karl Marx, Adorno, Immanuel Kant, entre outros. Assim, somos forçados a lembrar de Hannah Arendt (1999) que com seu brilhantismo denunciou os descaminhos que a humanidade percorre ao depreciar vida e a “banalizar o mal”. Não menos oportuno lembrar do Kant (2010), quando advoga da urgência de se alcançar o esclarecimento, sendo esta condição possível à aquele que reconhece como sua a culpa de

sua menoridade, sendo esta a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. Nestes tempos em que há uma banalização das informações, é urgente que o homem busque a maioridade e se livre do julgo da ignorância.

Vivemos num tempo e que o capitalismo alcançou o mais alto nível de exploração e expropriação da vida, em que o sentido da vida é consumir, num tempo em que nos tornamos partes e peças de uma grande engrenagem montada, em que desenvolvemos um individualismo doentio e patológico (Lipovetsky, 2014) por isso tão difícil de se pensar no protagonismo da classe trabalhadora na transformação do mundo (Marx, 1982)

Este número, como num mosaico ou caleidoscópio nos propomos a socializar pesquisas que versam sobre, poder, controle e informações, registros, administração e gerenciamento de registros, formação política de trabalhadores, a luta por direitos e inclusão social dos menos favorecidos, a luta pela inclusão e o direito ao trabalho, a questão do crescimento da violência e seu alinhamento com o poder, a formação continuada de educadores, o cerceamento do exercício profissional em detrimento do tipo de formação profissional, a formação do cidadão, e por fim, e não menos importante a percepção de universitários sobre violência doméstica. Este é, em poucas linhas, o enredo deste volume, essas são as pitadas da tessitura do real que nos propomos a compartilhar com todos os leitores e leituras deste país e por que não ousar, do mundo.

Os textos nos auxiliam a compreender melhor estes tempos e a buscar ações de transformação da dura realidade que bate a nossa porta. É na esperança de transformação, de que acertemos o passo em direção a escolhas que sejam mais promissoras para afirmação da vida é que nos esforçamos para trazer a público os textos que aqui apresentamos.

No primeiro artigo, “Governamentalidade algorítmica e subjetivação: sobre os riscos da construção de subjetividades em um mundo digital”, o autor Rone Elandro Santos, se debruça em seu texto a explicitar a relação entre o conceito de governamentalidade desenvolvido por Michel Foucault (1988) e os desdobramentos segundo Rouvroy (2015), na construção de uma governamentalidade algorítmica que se operacionaliza na contemporaneidade. O texto busca demonstrar que ao se adotar este caminho como um instrumento seguro que possa controlar todas as possibilidades de ação humana, fatalmente isso levaria a uma depreciação da própria vida, ou melhor, ao invés de potencializá-la ela seria depreciada.

No artigo, “Serviços arquivísticos terceirizados na Petrobras” de José Antônio Pereira Nascimento e Ana Celeste Indolfo, nos remetem a um passeio sobre a terceirização no Brasil de 1960 aos dias atuais, detendo-se mais especificamente em analisar o caso de gestão de documentos na Petrobras. Neste estudo, os autores apresentam, a partir de dados coletados uma comparação entre os recursos humanos próprios e terceirizados contratados pela estatal para serviços arquivísticos. A pesquisa demonstra com clareza que a terceirização é

indubitavelmente um processo de precarização e desvalorização da força de trabalho, como também um processo de desmonte dos direitos e garantias da classe trabalhadora, e neste caso específico dos arquivistas e congêneres.

Em “A formação política de trabalhadores precarizados no MST e no MTST”, Renan Dias Oliveira, se debruça a compreender como estes movimentos têm atuado na incorporação de grupos precarizados de trabalhadores rurais e urbanos em suas fileiras de atuação social e política. Entre as diversas formas de formação política desses movimentos, a ocupação de terra para os movimentos, destaca-se como formação política direta.

Na reflexão sobre “A prática participativa do Fórum Pró-Trabalho: promoção da lei de cotas e da inclusão produtiva das pessoas com deficiência”, a autora Maria Cristina Abreu Domingos Reis, se propõe a analisar o processo da gestão social participativa de um fórum que visa promover o cumprimento da lei de cotas. O estudo revelou que o segmento governamental ocupa maior participação nos debates e que as Pessoas com Deficiência (PCD) demonstraram baixo nível de interlocução na tessitura destas propostas. Entre as diversas constatações, vale destacar, que o fórum não realiza processo de monitoramento e avaliação sobre as inserções produtivas realizadas, prevalecendo assim procedimentos de inclusão marginal.

Em “Teorias da administração: uma “evolução” sem cor?”, os autores Elisângela de Jesus Furtado da Silva, Laysse Fernanda Macêdo dos Santos e Felipe Mateus Assis Soares, se propõem a pensar as questões sociais no seio das organizações, demonstrando que estas se pautaram até a década de 1980 diretamente aos objetivos organizacionais. Os estudos críticos ensejaram no debate das questões sociais no ambiente organizacional, sendo desenvolvidas tecnologias gerenciais que visaram a reforma dos processos produtivos. No entanto, segundo os autores, a criação e adoção de práticas e técnicas voltadas à promoção das diferenças nas organizações não são suficientes para promover a profundidade demandas por questões sociais complexas e diversas.

Danilo Arnaldo Bruskievicz, no brinde com uma belíssima reflexão sobre “O momento da verdade”: tecnologia e política no mundo moderno em crise a partir de Hannah Arendt’, onde busca a partir da autora identificar as relações entre o progresso científico e tecnológico com a violência. Suas conjecturas nos conduzem a perceber uma crítica ao mito do progresso ilimitado da ciência e da tecnologia e sua pretensa melhoria do mundo comum com a dissensão em relação ao senso comum.

Em “Formação continuada do professor técnico de nível médio e a racionalidade comunicativa”, Marta da Silva Barreto Pastor e Úrsula Cunha Anecleto, a partir de pressupostos habermasianos procuraram analisar o processo de formação continuada para o professor técnico e sua contribuição para o desenvolvimento de sua profissionalidade. As

autoras buscam verificar se os processos formativos colaboram para a superação da racionalidade instrumental do docente com vista à racionalidade comunicativa.

A formação profissional é tema do artigo “Licenciatura e bacharelado em educação física: impactos na formação profissional no estado de Minas Gerais” de Bruna Beatriz da Rocha, Fernanda Cristina dos Santos Coelho e Flaviana Alves Toledo. Para as autoras ao compararem matrizes curriculares de educação física, licenciatura e bacharelado, as diferenças são mínimas em relação a conteúdos e carga horária, e que a oferta das modalidades tem o objetivo de atender as demandas do capitalismo.

Que cidadania estamos formando? Que modelo de sociedade estamos perpetuando a partir do processo de formação? São perguntas como estas que o artigo “Que cidadão devemos formar? Os desafios do ensino de história na educação básica”, de Cléia Maria Alves Anna Rafaella de Paiva Dantas e Francisco das Chagas Silva Souza, procuram responder, quando analisam os desafios e possibilidades do ensino de história na educação básica. Os autores analisam como o ensino de história pode contribuir para a construção de uma cidadania que contemple a formação humana integral e emancipatória, deixando evidente as consequências do modelo educacional destinado a jovens das classes populares, que sinalizam para uma formação unilateral e excludente, em atendimento exclusivo para os anseios e necessidades do sistema capitalista.

E por último e não menos importante, nos deparamos com uma discussão sobre violência, especificamente, a percepção de violência doméstica de discentes universitários. Esta reflexão nos é permitida pelo artigo “O olhar do discente de graduação sobre a violência doméstica” de Dayara Araújo de Negreiros e Aldair Oliveira de Andrade. A discussão apresentada nos permite uma imersão no universo da percepção de violência doméstica, desvelando que a violência para este universo é um fenômeno que se manifesta única e exclusivamente de forma física, o que descarta de pronto suas diversas facetas. Outro elemento significativo apresentado pelos autores é que a violência é vista com certa naturalidade. O que conduz aos autores a verem como fundamental que esta discussão seja pautada nos espaços sociais, e especificamente na esfera universitária, o que seria um avanço significativo no combate à violência doméstica contra a mulher.

REFERÊNCIAS

ARENDR, Hannah, **Eichmann em Jerusalém, Um relato sobre a banalidade do mal. Hannah – Hannah Arendt**; tradução José Rubens Siqueira. - São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Technologies of the Self**. In: MARTIN, Luther; GUTMAN, Huck; HUTTON, Patrick (orgs.). *Technologies of the Self: a seminar with Michel Foucault*. Massachusetts: The University of Massachusetts Press, 1988, p. 16-49.

KANT, Immanuel. **O que é o esclarecimento?** In: _____. *Textos Seletos*. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 4. Ed. Petropolis: Vozes, 2010.

LIPOVETSKI, Gilles. **A Era do Vazio: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo**. São Paulo. Edições 70, 2014.

MARX, Karl. **Teses Sobre Feuerbach**. In: MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. 3a edição, São Paulo, Ciências Humanas, 1982.

ROUVROY, Antoinette. **Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o díspar como condição de individuação pela relação?**. *Revista Eco Pós*. Dossiê Tecnopolíticas e Vigilância. Vol. 18, nº 02. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015, p. 36-56.